

água contaminada

Brasília está bebendo

O superintendente executivo da Universidade de Brasília, coronel Lyster Figueiredo, confirmou ontem que o Departamento de Nutrição encontrou parasitas na água consumida em Brasília. Ao falar pela primeira vez sobre o problema, revelou que tão logo tomou conhecimento do resultado dos exames, incumbiu o engenheiro de Operações da UnB de entregar pessoalmente um ofício ao superintendente da Caesb para que fossem tomadas, de imediato, as providências cabíveis.

"Hoje recebi a informação de que o órgão já nos respondeu, mas não posso dizer nada porque não conheço ainda o conteúdo do comunicado", disse às 15 horas, acrescentando que a UnB nada pode fazer para evitar que a água contaminada continue a ser distribuída a alunos, professores e funcionários. "Estamos esperando que a Caesb encontre uma solução", frisou.

Como precaução, segundo ele, a UnB está utilizando somente água filtrada. "Quando fui informado que havia impurezas na água, acionei a Divisão de Engenharia de Operações para que fizesse uma vistoria no castelo d'água, a nossa central de distribuição. Fui informado, então, que ele estava limpo. Livre, portanto, de qualquer contaminação".

Além das medidas costumei-

ras — ferver a água em alguns departamentos e filtrá-las, a UnB para tomar uma medida mais eficaz necessita, logicamente, do apoio da Caesb. "Foi por isso que enviamos o ofício ao órgão. Estamos aguardando a resposta", explicou.

OS EXAMES

No início deste mês, após analisar várias amostras da água consumida pela população de Brasília, o Departamento de Nutrição da UnB enviou um laudo técnico a Lyster denunciando a presença de parasitas "altamente prejudiciais" à saúde. "Não posso tecer maiores comentários sobre os laudos, mas ficou claro que a água está cheia de impurezas", assegurou.

Após receber o laudo, assinado pelo diretor da Faculdade de Medicina da UnB, professor Odílio Silva, Lyster encaminhou um ofício à Caesb. "Como órgão responsável pelo tratamento de água, ficamos esperando que fosse tomada uma providência. A partir do resultado da Caesb, veríamos o que nos cabe", disse.

Além do ofício que enviou à Caesb, Lyster decidiu encaminhar uma solicitação ao Departamento de Nutrição para que fizesse outros exames com amostras colhidas em diferentes locais. "As análises já estão sendo processadas.

Caesb reabre piscina da UnB

Depois de determinar na última quinta-feira a interdição das piscinas do Centro Olímpico da Universidade de Brasília a fiscalização de saúde do GDF recuou. Ontem, às 16 horas, a química Glória Maria Rodrigues esteve no local, examinou demoradamente a água e ficou hesitante em justificar a medida. Depois de muito pensar, assinou um laudo no qual afirma que havia excesso de cloro e que por isso as piscinas foram interditadas. Não colocou, contudo, nenhum empecilho para que elas fossem reabertas 30 minutos depois.

"Na minha opinião, ficou clara que a interdição foi uma represália da Caesb", disse o supervisor técnico do Centro Olímpico, Leodemir Santos, que acompanhou atentamente os exames dos funcionários do GDF. "Na verdade, eles não liberaram as piscinas na hora apenas por pirraça, pois segundo o próprio laudo o aspecto estava limpo, não havia sujeira e muito menos material decantado", acrescentou.

Segundo Leodemir Santos, os fiscais do GDF chegaram às 10 horas da última quinta-feira no Centro Olímpico e, alegando falta de cloro, interditaram as piscinas. "Vejam só como são as coisas. Hoje (ontem), estão dizendo que há excesso de cloro, só porque constataram, segundo o equipamento deles, um milímetro a mais do que o máximo permitido. Está na cara que foi uma represália da Caesb contra a denúncia dos professores de Nutrição que a água, em Brasília, está contaminada", afirmou o funcionário da UnB.

DIVERGÊNCIAS

Durante os exames feitos nas piscinas, houve divergência entre o resultado dos técnicos da UnB e o dos fiscais do GDF. Enquanto pelo material utilizado pela universidade o residual de cloro obedecia o limite permitido, no colorímetro da química ele excedia. No final dos testes, prevaleceu a opinião de Glória Maria Rodrigues. "Há excesso de cloro e isto causa a proliferação de fungos", declarou, evitando entrar em maiores detalhes.

O supervisor da UnB, por outro lado, não evitou críticas diretas à Caesb. Disposto a demonstrar a sua insatisfação com a medida, Leodemir Santos disse claramente que as piscinas sofreram reparos em julho e que se estavam apresentando qualquer anomalia, a culpa cabia única e exclusivamente ao órgão.

"As piscinas recebem água distribuída pela Caesb e nos últimos meses, sem que seja necessário qualquer exame de laboratório, está na cara que ela está cheia de impurezas. Por isso mesmo, somos obrigados a fazer constantemente tratamento de cloro na água".

Nem o fiscal do GDF e nem a química ensaiaram qualquer contestação. Como o supervisor insistisse em dizer que a água está suja e que em consequência disso o Centro Olímpico resolveu fechar uma das piscinas, o fiscal fez o seguinte comentário: "De fato, a água da Caesb está com excesso de hidróxido de alumínio".